



LUÍS ASSIS

Não ao futuro imposto!

O nosso futuro não pode ser imposto, aliás, tal é inaceitável e inadmissível num sistema democrático de um Estado de Direito.

O que temos vindo a assistir no que se refere à "reforma" do sistema educativo português é uma verdadeira imposição de um sistema que de educativo nada tem, numa tentativa de nos impor um futuro que ninguém quer.

O governo do PS elaborou um sistema "educativo" contra natura, idealizado para uma sociedade que não existe, para uns alunos que não existem, para uns professores que não existem e para uma escola que não existe, a não ser na cabeça do eng. Sócrates, pelo que, completamente desfasado da realidade da vida.

A chamada reforma educativa não passa só pelo sistema de avaliação de desempenho dos professores, passa também, pelos manuais escolares, pelos programas das disciplinas, pelo estatuto do aluno, pela autonomia da escola, pelo respeito dos professores e pela sua autoridade.

Nada disto tem sido feito pelo governo PS, no sentido do que deveria ter sido feito para melhorar o sistema educativo português.

Assistimos a uma imposição de um modelo que não serve a ninguém a não ser aos objectivos do PS para uma sociedade que imaginou, mas que não existe, e que insiste impor a Portugal.

Claro está que a resposta da sociedade real foi a óbvia, a de que não aceita imposições arbitrárias de modelos que nada têm de real e de aplicáveis à realidade concreta da vida, o que criou uma onda de indignação de todo um sector da sociedade portuguesa, porque ninguém se revê no dito modelo.

O CDS optou pela via oposta, isto é, primeiro ouviu a sociedade, no caso, a comunidade educativa, depois foi ver o que se fazia, discutiu as suas ideias com os intervenientes e os destinatários das futuras propostas legislativas, para, por fim, vir apresentar um modelo de sistema educativo real e realista, que tem em consideração a realidade da sociedade onde se insere e que promove a melhoria do sistema de ensino, da sua qualidade e da preparação do futuro de Portugal.

Veja-se a conferência de imprensa do Dr. Paulo Portas constante do site do CDS.

As propostas legislativas do CDS são o exemplo de uma oposição construtiva que, não concordando com as propostas do governo PS, as critica mas, simultaneamente, apresenta alternativas, sem medo de terceiros.

O CDS apresenta um futuro que foi previamente partilhado com os portugueses, construído com eles e para eles. ●

entrevista

Carlos Godinho comemora 20 anos de carreira artística

Aos 42 anos de idade, o estremocense Carlos Godinho celebra já o seu vigésimo aniversário de carreira artística e, para assinalar esta data, irá inaugurar amanhã, dia 28, pelas 21h00, uma exposição de pintura intitulada "O azul de um caminho - 20 anos / a path of the blue, twenty years", na Pousada Rainha Santa Isabel, em Estremoz, local que há quinze anos o levou pela primeira vez ao estrangeiro.

Com vasta obra pictórica de influência surrealista, com ênfase no desenho e na composição de figuras, tem feito incursões noutras áreas das artes plásticas, nomeadamente na concepção de cartazes, capas de livros e logótipos.

Carlos Godinho conta já no seu currículo com um número considerável de exposições, tanto individuais como colectivas, e está representado em diversas colecções institucionais e particulares.

Eis o artista plástico na primeira pessoa em entrevista ao Brados do Alentejo.

► JORGE PEREIRA

Brados do Alentejo – Como se iniciou na pintura?

Carlos Godinho – A pintura foi para mim sempre um gosto. Tinha os meus catorze ou quinze anos quando pintei o meu primeiro trabalho. Foi sobre uma placa de plaxex que ainda guardo. A abordagem à tela foi mais tarde, por volta dos dezasseis anos.

Na escola primária gostava muito de desenhar e ilustrar os trabalhos de Língua Portuguesa ou Estudo do Meio. Durante o ensino preparatório tive dois professores que me encorajaram e despertaram para o mundo das artes. Julgo que marcaram o meu desejo e, mais tarde no secundário, segui Artes. Neste período, pós 25 de Abril, fértil para a Arte em Portugal, tive a possibilidade de tomar contacto com alguns artistas importantes como o mestre Lagoa Henriques e Artur Bual e, ainda, conhecer o trabalho do ilustre estremocense Rogério Ribeiro, um dos mais reconhecidos gravadores portugueses, e a obra de Armando Alves, que já em Estremoz vim a conhecer e ter contacto pessoal. O mestre Armando Alves, inclusive, fez-me um texto para o catálogo de uma das exposições de 1993, na Pousada de Estremoz.

Não esquecerei, apesar de tudo, que o gosto pela pintura e pelas artes se tornou mais expressivo quando pela primeira vez apresentei o meu trabalho ao público. Ainda me recordo como se fosse hoje, foi em Estremoz numa exposição colectiva, já lá vão vinte anos.

B.A. – Como se sente ao completar 20 anos de carreira artística?

C.G. – Sinto-me muito satisfeito, pois estou a concretizar aos poucos um sonho. Gostava de ter mais tempo disponível para pintar, mas ainda mais para criar, porque a pintura para mim, não é apenas pintar um quadro, é todo um processo que vai da criação à concepção e mostra da obra. Os tempos que

medeiam entre a primeira parte e a última são fundamentais. Não sou materialista, pois não sinto uma ligação muito forte a todas as obras que tenho feito e muitas já estão em colecções particulares em Portugal e no estrangeiro. O ano de 2008 tem sido fantástico, não só pelo número de exposições que tenho realizado, mas porque possibilitou-me mostrar o meu trabalho em França e Itália, na Europa, ou em países tão distantes como os Estados Unidos, Japão ou Brasil.

O que importa salientar é que estou a fazer um percurso que me orgulha muito. Se há pouco tempo era um desconhecido, actualmente julgo que já não digo o mesmo, no que respeita à pintura.

● **"Na escola primária gostava muito de desenhar e ilustrar os trabalhos de Língua Portuguesa. Durante o ensino preparatório tive dois professores que me encorajaram e despertaram para o mundo das artes. Julgo que marcaram o meu desejo e, mais tarde no secundário, segui Artes."**

B.A. – Que balanço faz destes anos?

C.G. – O balanço é muito positivo, nem poderia dizer outra coisa! É verdade que entre 1999 e 2005 participei em poucas exposições, pois estive a estudar e, como tal, pintar não era uma prioridade. Após 2005 tudo mudou e para melhor. Começaram a acontecer com maior frequência as exposições individuais



ais e os convites para as colectivas, não só no Alentejo, mas de norte a sul do país.

O que posso dizer, ainda, é que já tenho o ano de 2009 quase preenchido com exposições individuais e colectivas. Como disse atrás continuo a construir o sonho.

B.A. – Nos seus trabalhos é inspirado por outros artistas?

C.G. – Claro que sim. Se dissesse o contrário não estaria a falar verdade porque o estudo é fundamental para que o nosso trabalho se desenvolva. Cada momento criativo tem que ter uma fase de inspiração e outra de escola. A minha é a surrealista.

O meu trabalho com inspiração surrealista tem diversas marcas. Uma é a cor, do meu Alentejo, a outra é a mulher e a arquitectura. São símbolos que se distinguem nos meus trabalhos. Voltando à pergunta, claro que Dalí e todos os surrealistas são fonte da minha inspiração. Entre os portugueses podia citar António Pedro ou outros mais recentes mas não destacaria nenhum deles. Todos os pintores me inspiram.

B.A. – O que aspira ainda concretizar como artista?

C.G. – Não sendo fácil ser artista em Portugal, aspiro continuar a mostrar o meu trabalho em Portugal e no estrangeiro. Gostava era de ter mais tempo para me dedicar à pintura e cultura.

O maior desejo é que daqui a vinte anos consiga pintar um quadro

com o mesmo brilho e ainda com mais cor do que hoje.

Julgo que estou a fazer um caminho e esse tem de ser percorrido com todos os que estão ao nosso lado e mais ainda com aqueles que ainda não conhecemos, mas vamos encontrar um dia destes.

● **"O meu trabalho com inspiração surrealista tem diversas marcas. Uma é a cor, do meu Alentejo, a outra é a mulher e a arquitectura. São símbolos que se distinguem nos meus trabalhos. Claro que Dalí e todos os surrealistas são fonte da minha inspiração."**

Finalmente gostaria de deixar um agradecimento especial ao Paulo Garcia, em nome das Pousadas de Portugal, à Câmara Municipal de Estremoz, na pessoa do presidente e vereador da cultura, ao Orfeão Tomaz Alcaide, através da sua direcção, maestro e todos os elementos que o compõem, e ao maestro José Raimundo e João Bandovas.